



Redação, Administração e Oficinas—R. do Seculo, 43—Lisboa

Desacordo ortografico



O KAISER:—Paz! paz!

OS ALIADOS:—Pás! pás



PALESTRA AMENA

Ricos e pobres

Perguntem seja a quem fôr se deseja ser pobre ou rico e a resposta será, inevitavelmente: — Rico! Escusam de apresentar argumentos, de se esalfarem, sinceramente ou não, a tentar demonstrar que ha pobres bem mais felizes do que os ricos, porque gastarão inutilmente todo o latim; todos hão-de repelir a mendicidade e preferir a abundancia de bens.

Ora nós, que somos pobres e que nem por isso estavamos muito satisfeitos com o facto, somos a declarar que, em vista das circunstancias actuaes, vacilamos, ou antes, temos razões para não estar descontentes com a nossa sorte. Sim, senhores: agora, antes queremos ser pobres, como somos, do que ricos!

Por qué? Ora tenham paciencia e sigam os nossos raciocínios.

Tendo aumentado enormemente os preços de tudo, é claro que os pobres a nada podem chegar; mas como isso já lhes acontecia em tempo de paz, quando os generos eram baratos, está-se a ver que a sua situação não variou e por isso não teem que extranhar, enquanto que os ricos vêem o seu dinheiro esgotar-se rapidamente para a algibeira dos fornecedores e tornam-se pobres, o que dolorosamente os surpreenderá, por falta de habito.

Isto tratando-se de generos que existem no mercado. Vamos, porem, aos que não existem por preço algum — e não são eles poucos: os pobres não os obteem, é certo, comprando-os, porque para isso não teem dinheiro, mas os ricos, tendo-o, mais se desesperam do que aqueles, pela impotencia a que se veem obrigados, maldizendo talvez os seus haveres, que de nada lhes servem e são uma pungente ironia nas suas condições.

Mas ha mais. A magnanimidade do coração portuguez, para a qual são poucos todos os louvores, tem multiplicado as instituições de beneficencia, oferecendo comovedoramente aos pobres o suficiente para o seu sustento e outras modestas necessidades; todos os apelos a esse respeito são ouvidos, para honra d'uma terra onde a bondade prevalece acima de todos os sentimentos, como carateristica do povo — de modo que o indigente, conformando-se, tem mais ou menos o que precisa, sem que sinta a falta de numerario. E os ricos? Os ricos não podem concorrer ás sopas baratas, porque a sua educação não os habituou á humildade; não se lhes permite que apareçam mal vestidos, andrajosos e de calçado roto, por mais que faltem casimiras e cabedal no mercado; não...

Pois não seria corrido a chufas o nosso Monteiro Milhões se amanhã se apresentasse de malga á porta d'uma cosinha economica ou passasse pelo Chiado com as botas arrombadas e as calças com remendos?

Fiquemos, pois, em que na situação presente é muito melhor ser pobre do que rico — e posto isto ofereçam-nos cem contos de réis e verão como os embolsamos enquanto o diabo esfrega um olho e como lhes chamamos um figo.

J. Neutral.

Correios velozes

Escreve-nos um amigo:

«Meu caro

Ha tres anos que costunuo ir veraneiar para uma aldeia que fica a seis horas de Lisboa, com uma *gare* de caminho de ferro a tres quilometros e a cabeça do concelho a sete, a qual cabeça é séde d'uma estação de correios e telegrafos, havendo na dita aldeia um individuo encarregado de receber e entregar a correspondencia postal. No 1.º ano de veraneio eu escrevia para Lisboa e aí recebia-se a correspondencia no dia seguinte ao da expedição, como a de Lisboa na aldeia era recibida um dia depois de ter saído da capital. No ano seguinte a correspondencia passou a gastar 48 horas no caminho, de modo que uma carta expedida, por exemplo, n'uma 2.ª feira era distribuida na capital na 4.ª feira. No terceiro ano, que é este em que estamos, a correspondencia leva de 60 a 72 horas



no mesmo trajeto, isto é, o mesmo tempo que o expedidor levaria a chegar a Lisboa em burro ou n'outro qualquer meio de locomoção igualmente vagaroso.

Ora, tendo o Estado de pagar ao encarregado referido, ao estafeta que leva as cartas á vila, aos funcionarios do correio na mesma vila, ao proprietario do trem que transporta o correio da vila á estação dos caminhos de ferro, á companhia dos caminhos de ferro que a leva para Lisboa — não seria mais economico o jumento, tanto mais que a correspondencia nunca é volumosa, pois que na aldeia em que falo só sabem escrever o padre, o professor primario e este seu criado?

Peço-lhe, meu caro redator, que apresente este alvitre no seu muito lido semanario, cuja influencia nas altas regiões politicas é bem conhecida. Velho assinante e amigo:—J. T.»

A ponderação do sr. secretario de Estado respectivo entregamos a questão do burro.

Exercicios policiaes

São poucos todos os elogios que se façam á garbosa rapaziada das esquadras policiaes pelo ardo e applicação de que tem dado provas nos exercicios bellicosos a que a teem susjeitado, e pouquissimos os que se tribuem a quem entendeu que a devia pôr em pé de guerra. No entanto, se a voz de miserios paisanos pode ser ouvida entre guerreiros, diremos que sendo a missão da policia civil o ir combater o inimigo, outros exercicios secundarios poderia fazer, de uma tal ou qual importancia.

Bem sabemos que, por exemplo, não compete á policia o descobrir os gatuños e muito menos prende-los: mas co-



mo o saber não ocupa lugar, não seria possivel exercita-la n'outro sentido?

E' claro que, uma vez a policia assim educada, o publico não deveria abusar, reclamando-a por dá cá aquella palha, pelo roubo de um relógio, ou d'uma bolsa com dinheiro, pelo assalto d'uma casa, pelos insultos que a cada momento as donas de casa sofrem das varinas e mais vendedores ambulantes, pelas facecias que os janotas dirigem ás senhoras que teem de ir á rua, pelos palavrões dos carroceiros, pelas pedradas dos garotos contra os transeuntes, etc., etc.; mas em caso de violencia excessiva, como de morte de homem, cremos que a policia não faria nada de mais se auxiliasse a condução da vitima para a Morgue. Quanto á prisão do assassino já se sabe que tanto se não exigiria...

Versos de Bocage

Mais um soneto do mestre, para desespero dos vates modernos:

*Se é doce no recente, ameno estio
Vêr tocar-se a manhã de etereas flores,
E lambendo as areias e os verdores
Mole e queiroso, deslizar-se o rio;*

*Se é doce no inocente desafio
Ouvirem-se os volateis amadores
Seus versos modulando e os seus ardores
De entre os aromas do pomar sombrio;*

*Se é doce mares, céus; vêr anilados
Pela quadra gentil, de amor querida,
Que esperata os corações, floreta os prados;*

*Mais doce é vêr-te, de meus ais vendida,
Dar-me em teus brandos olhos desmaldados
Morte, morte de amor, melhor que a vida.*

**Façam prosa**

Continuamos a lastimar do fundo da alma os pobres poetas que se vêem obrigados a fazer versos de encomenda. A crise da falta de senso comum tem-se acentuado ultimamente com abundancia de obras caritativas para as quaes lhes sollicitam colaboração, a ponto de nos resolvermos a pedir a intervenção da censura official, que melhor serviço prestaria cortando os aleijões poeticos do que suprimindo referencias politicas que não fazem mal a ninguém, enquanto que aqueles causam sérias perturbações nas pessoas nervosas.

Ora leiam isto:

*Filhas do nosso passado
Feito de gloria e de amor
Co' o coração torturado...*

O terceiro verso, apesar de ser de poeta de incontestavel merecimento, não parece feito por um gago? *Co' o co* — é de arrepiar os cabelos de todos os carecas do mundo!

Depois, o que se diz e escreve dos infelizes vates, obrigados a tal ginastica cerebral! Um correspondente da Curia, para não irmos mais longe,



chama a Antonio de Lemos, escritor portuense, *subtil* poeta!

Bem sabemos que estamos a prégar no deserto, mas resta-nos a consolação do desabafo, condenando, não os desgraçados coagidos a extrair a forceps os seus abortos poeticos e a sofrer uma adjectivação pelo menos, imoral, mas os individuos que a tal operação os obrigam.

Se tivéssemos tido, como o conceituado farmaceutico da praça Carlos Alberto, do Porto, e distinto vate Antonio de Lemos, a gloria de descobrir a Fosfiodoglicina, como ele descobriu, davamos com uma cataplasma de linhaça nas porcas das ventas de quem tivesse a ousadia de nos chamar *subtil*!

A graça do arraçoamento

Uma das coisas mais engraçadas d'estes ultimos tempos é o arraçoamento, ou seja a ilusão de cada um imaginar que tem direito a determinada quantidade de generos alimenticios. Como é sabido, os divertimentos actualmente não são muitos e os que ha são caros, de maneira que quem se quiser divertir não tem mais a fazer do que

EM FOCO**Acácio Antunes e Machado Corrêa**

*A revista não vi «De ponta a ponta»
Porque estou muito longe da Trindade;
Nem me lembrei de tal, valha a verdade;
Ter visto ou não ter visto tanto monta.*

*Por muitas outras peças, já sem conta,
De Antunes & Corrêa em sociedade
Sei que a firma é de boa qualidade
Com sua graça inofensiva e pronta.*

*Se não foi tão feliz ao fazer d'esta
Não é razão para lançar-lh'a em rosto,
Nem com esse percalço se molesta;*

*Embora sejam de juízo oposto,
Fazer uma revista que não presta
E' muitas vezes prova de bom gosto.*

Belmiro.

O inesperado

(Diario d'um empregado publico).

Junho, 25 — Dizem que vão acabar os direitos de encarte... não creio! Seria muita sorte para mim!

Junho, 30 — Acabaram, efectivamente, mas substituidos pelo imposto de rendimento, e este vitalicio. Deixa-lo. Sempre é um desconto menor...

Julho, 2 — Bravo! Restituem-nos os direitos de mercê pagos, os emolumentos, selos, direitos de encarte... E' a sorte grande!

Agosto, 25 — Tenho tido um trabalho enorme, mas d'esta vez recebo. São trescentos mil reis e um agiota já me dá cento e vinte... Aceito ou não?

Setembro, 3 — Parece que a Caixa Geral dos Depositos nos dá o dinheiro com pequeno desconto. Será verdade?

Outubro, 3 — Vou hoje á Caixa Geral dos Depositos. O titulo já está assinado sobre o selo correspondente, a assinatura já está reconhecida.

Outubro, 5 — Fui. Dizem-me que volte amanhã. Oh! ventura!

Outubro, 6 — E' agora. Cheguei junto ao guichet... Lã vem o empregado com os trescentos mil réis... Ai! quem me acode! Que é isso que eu sinto nos miolos?... Uma congestão... Morri!

munir-se da carta de consumo e apresentar as senhas por essas lojas.

Foi o que fizemos um dia d'estes, para ver se nos curavamos d'um ataque de tristeza que muito nos apouquetava.

Esportulados os centavos da ordem na Junta da nossa parochia, dirigimo-nos a uma mercearia a requisitar arroz. O caixeiro fitou-nos, piscou um olho e largou-nos esta:

— Quer arroz? Abobora, que arroz é agua!

Retirámos, sorridentes e fomos a outra mercearia, pelo assucar.

— Ah! quer dôce? Olhe que lhe caem os dentes! exclamou o merceeiro, mostrando-nos, em vez de assucar, a ponta d'um chifre que tinha atraz da porta por via das bruxas.

De ahi fomos a uma loja onde, antes da guerra, nos forneciam petroleo. Pedimos a quarta parte de cinco litros



do dito oleo illuminante, mediante o respectivo documento e eis o que nos responderam:

— Quer luz? Ora meta o candieiro no baú!

Baú, parece-nos que foi a palavra pronunciada, mas não vamos jurar que o fosse; lá que rimava com *baú* é que não ha duvida.

Recolhemos a casa com tres pançadas de riso, que nos compensaram fartamente da falta de generos. Nem só de pão vive o homem, que diabo!

AS NOVAS PROEZAS DO MANECAS

29.^a Parte — 11.^o Episodio

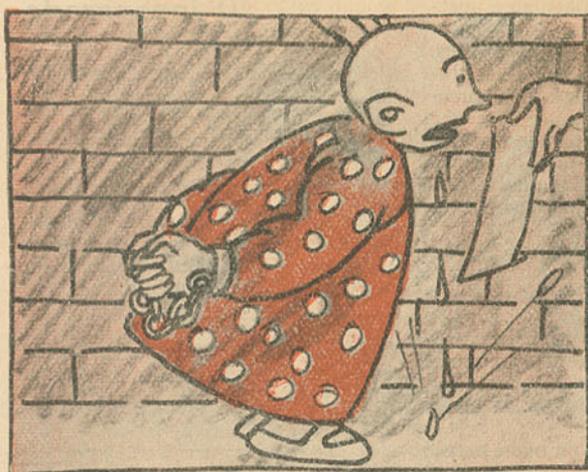
(Continuação)



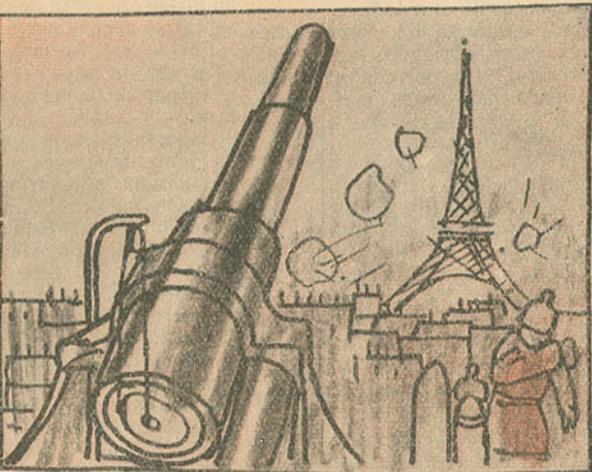
1.—Depois de ter concluido o seu famoso relatório, Manecas corre a entregá-lo nas «kaisérianas» mãos.



2.—O kaiser lê, enfurece-se e acaba por mandar prender o pobre Manecas.



3.—Este, algemado e encerrado em carcere inféto, recebe um «ultimatum». Ou faz um relatório á maneira boche ou morre!...



4.—Manecas que só pensa em livrar-se da prisão faz um novo relatório: Paris será arrasada pelos canhões de longo alcance.



5.—Todas as raças do Universo ficarão, d'ora avante, sob o dominio do kolossal imperio alemão



6.—Emfim, o mundo será todo da bocharia e o emblema da sua bandeira será o representado n'este desenho.

(Continúa).